

A última aula de Nuno Crato: “O conhecimento e o rigor estão sob ataque das orientações pedagógicas anticientíficas”

Daniela Carmo

Para o ex-ministro da Educação, as “ditas competências do século XXI” devem ser sustentadas pelo saber

Em educação não há “nada pior do que esquecer o essencial”. O que é, então, o essencial? O conhecimento e o rigor, defendeu ontem o ex-ministro da Educação e da Ciência naquela que foi a última aula enquanto professor de Matemática e Economia. Mas nem por isso se dedicou apenas a apresentar números, gráficos ou regressões: o ensino foi um tema que mereceu um grande parêntese durante a sessão que contou com casa cheia.

Crato quis falar do seu percurso nos últimos 70 anos, já que atingir

essa idade o obriga à jubilação. Nesse caminho, passou inevitavelmente por aquela que foi a “missão governativa” que cumpriu entre 2011 e 2015. “O conhecimento e o rigor estão sob ataque das orientações pedagógicas anticientíficas, que recomendam que se desenvolva sentido crítico no vácuo, criatividade na ignorância, comunicação sem conteúdo e colaboração sem objectivo”, reiterou no Auditório Caixa Geral de Depósitos, da Lisbon School of Economics and Management (ISEG), apelidando-as de “ditas competências do século XXI”.

Para o actual líder da Iniciativa Educação, desenvolver todas essas competências sem que haja um conhecimento prévio é o mesmo que ser “um fala-barato”. Esta não é, aliás, a primeira vez que defende essa posição, apesar de dizer que “não há nada de errado quando se acentua, por



Nuno Crato ontem no ISEG

exemplo, a criatividade ou a capacidade de procurar informação”, o “erro está em concluir daí que a pura informação não interessa, que o

conhecimento não tem valor em si”.

Enquanto ministro e em nome de “uma maior exigência no ensino básico e secundário”, extinguiu as disciplinas mais viradas para a cidadania e reforçou as horas de aulas das outras, mudou programas, estabeleceu novas metas curriculares e restringiu as condições de acesso à profissão docente.

Crato continuou nas críticas alertando que todos, sobretudo os universitários, se devem “preocupar quando se promove a desvalorização do conhecimento”. Outra “ameaça”, defendeu, são as “correntes de inspiração pós-moderna”. E acrescentou que a “desconstrução” pós-moderna é a “paralisação do conhecimento”. Ao PÚBLICO, depois de terminada a aula, Nuno Crato reiterou essa visão e enumerou que “a leitura, a Matemática, o Inglês, a Geografia, a História são, sem dúvi-

da, as coisas principais e essas precisam de um ensino estruturado, ambicioso e exigente”.

Ao recordar a carreira de docente e questionado sobre que mudança nota na Educação, também influenciada por políticas que implementou, o ex-ministro disse que “o ensino está incomparavelmente melhor”. Quanto ao reflexo das suas políticas, respondeu que “ainda é muito cedo para comparar”. “Mas olhando a uma distância de há 30 ou 40 anos, eu não tenho dúvidas de que o ensino melhorou muito, assim como o sistema universitário português, que melhorou imenso.”

Sobre Crato, a presidente do ISEG, Clara Raposo, disse que era “um eterno miúdo”. E fez as contas: “De idade tem 70 anos, mas de aspecto parece ter metade e de energia terá a raiz quadrada de 70.” Ou seja, algures entre oito e nove.